

APRESENTAÇÃO

As sete palavras são um exercício muito belo de reflexão sobre as últimas frases ditas por Jesus durante o seu sofrimento na cruz. Nestas palavras é possível resumir toda a intenção da Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo. As palavras recolhidas pelos evangelistas demonstram o valor da cruz, uma suma importante para compreender a preocupação de Jesus para com os seus e para consigo, não de uma forma egoísta, mas pelo desejo pleno de cumprir a vontade de Deus.

As sete palavras trazem um firme impacto ao coração, não são delírios de um moribundo, mas uma síntese importante para a vida, onde Nosso Senhor Jesus Cristo expressa todo amor para com a humanidade. Cada palavra é carregada de vida e de experiência, pois Jesus expõe sentimentos que tomavam seu coração na hora de sua entrega por amor à humanidade.

Ó Jesus, que destes a vida por nós, ajudai-nos a dar a vida por vós e por nossos irmãos e irmãs!

PRIMEIRA PALAVRA

Pai, perdoa-lhes.

Eles não sabem o que estão fazendo.

(Lucas 23,34)

Interessante que a primeira palavra do Cristo se remeta diretamente ao perdão. É natural, quando se aproxima da morte, sentir o desejo de perdoar e ser perdoado; isso é característica da psicologia humana. Como não pecou, Jesus só sentiu o desejo de perdoar. As três primeiras palavras de Jesus são ditas em um grau de importância: primeiro pede que Deus perdoe os seus algozes, depois promete o paraíso ao ladrão arrependido e em terceiro, e não menos importante, pede que o discípulo amado cuide de sua mãe. Essa é a ordem do pensamento e do amor divino: rezar pelos inimigos, pelos pecadores e pelos santos. A cruz é símbolo da dor, mas ao mesmo tempo é símbolo da entrega total. O sofrimento da cruz era indizível. Os soldados esperavam de Jesus os gritos de dor e de agonia. Era comum que os crucificados tivessem atitudes de desprezo pelos soldados, que amaldiçoassem o dia do próprio nascimento e xingassem as mães dos algozes. Muitas vezes os soldados chegavam a cortar a língua dos crucificados para não ter que ouvir as

palavras de ódio. Os soldados esperavam de Jesus uma atitude semelhante as dos outros crucificados. Os fariseus e os escribas também esperavam a contradição daquele que pediu para amar os inimigos, mas nenhum destes escutou da boca de Jesus qualquer tipo de difamação, calúnia, blasfêmia ou maldição. Jesus deixa escapar uma doce e nobre oração: “Pai, perdoai-lhes porque eles não sabem o que fazem”. Foi uma oração suave, humilde, cheia de perdão e graça.

Jesus pede para perdoar a quem? Os inimigos? O soldado que lhe deu uma bofetada na face quando ele estava no tribunal de Caifás? Perdoar a Pilatos que, para não se colocar contra o imperador, o condenou à morte? A Herodes? Perdoar os soldados que o submeteram a uma tortura imensa? Realmente, eles não sabiam que todas essas ofensas eram dirigidas ao Rei dos reis. Todos eles sentenciaram a morte aquele que veio ao mundo para trazer a vida.

Jesus, no momento final, retoma com esta frase o seu ensinamento principal: “Eu, porém, lhes digo: amem os seus inimigos, e rezem por aqueles que perseguem vocês!” (Mt 5,44). Jesus na cruz continua a nos ensinar, que mesmo diante de toda a dor e todo o ódio, independentemente de onde venha, nós devemos perdoar. Ele não pensa em si e na sua dor, mas pensa naqueles que o perseguem e que o

golpeiam.

Mesmo durante do sofrimento, o Cristo continua a nos ensinar com o seu exemplo. A sua intenção é mostrar-nos que o cristão deve amar sempre, perdoar sempre, independente do mal que sofreu. Assim ensina São João em uma de suas cartas: “Se alguém diz: ‘Eu amo a Deus’, e, no entanto, odeia o seu irmão, esse tal é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê. E este é justamente o mandamento que dele recebemos: quem ama a Deus, ame também o seu irmão” (1Jo 4,20-21). Jesus muito amou, por isso muito perdoou.

Oração

Rezar pelos inimigos e perseguidores.

Pai-nosso; Ave-Maria; Glória ao Pai.

SEGUNDA PALAVRA

**Eu lhe garanto:
Hoje você estará comigo no Paraíso.**

(Lucas 23,43)

Dois criminosos foram crucificados junto com Jesus, cada um de um lado. Eles são a imagem dos caminhos que nós podemos tomar em nossa vida; eles são a representação de quais propostas nós podemos viver: zombar e fugir da salvação ou reconhecer a própria condição, alertar os que erram e voltar atrás, com resignação e com coragem. Poderíamos chamar o ladrão da direita, não como o “bom ladrão”, termo mais comum, mas como o “ladrão arrependido”, o “ladrão reconhecedor”, o “ladrão resignado e forte”. Porque escrever assim? Simples, não é fácil aceitar o Cristo e as suas propostas, não é fácil dizer para uma pessoa que está na mesma condição de que acredita nela. Este ladrão acreditou no Filho de Deus, já em seus últimos momentos e nas mesmas condições que ele. Não é fácil reconhecer o salvador quando ele está fraquejando e agonizando em um madeiro, não é fácil reconhecê-lo quando ele está condenado como um malfeitor.

Nós não sabemos quais razões levaram esse bom

ladrão a observar Jesus e reconhecer a sua grandeza. Talvez a sua conversão tenha vindo do fato de Jesus perdoar os seus algozes, talvez tenha sido pela maneira oblativa pela qual Jesus estava se entregando. Talvez tenha sido por testemunhar a dor do Redentor.

A cena continua a mesma, a multidão, os chefes dos sacerdotes ofendiam a Jesus e o tentavam. Pilatos manda colocar uma placa na cruz, onde apresenta o seu “grande pecado”: “Jesus Nazareno, Rei dos judeus”. O pecado era amar o seu povo, o pecado era não ser nem nobre nem agitador social e político. O Nazareno queria apenas apresentar o Reino de Deus, mas teve que morrer porque a soberba humana é muitas vezes maior que a escuta. Na cruz, a única mensagem que Jesus escutava era o “salva-te a ti mesmo”. O ladrão da esquerda, mais blasfemo que os sacerdotes, chega a dizer: “Salva-te a ti mesmo e a nós!”. No entanto, a repreensão do outro crucificado foi quase que um desabafo divino e uma admoestação verdadeira, mesmo sendo ele um criminoso: “Nem você teme a Deus, sofrendo a mesma condenação?” (Lc 23, 40). Ele reconhece que a sua condenação era merecida, mas rejeita a acusação do companheiro que zomba de um inocente: “Para nós é justo, porque estamos recebendo o que merecemos; mas ele não fez nada de mal.” (Lc 23,42). A atitude do ladrão é a mesma da parábola

la do Fariseu e o publicano, contada por Jesus (Lc 18,9-14).

O bom ladrão faz um *mea culpa* diante de Jesus e coroa com um pedido: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres em teu Reino.” (Lc 23,42). Foi um dos pedidos mais lindos dos que existem na bíblia, porque o pobre ladrão se arrepende dos seus pecados, reconhece a pessoa de Cristo, como Filho de Deus e o reconhece como Rei do céu e da Terra. A resposta de Jesus é ainda mais surpreendente: “Eu lhe garanto: hoje mesmo você estará comigo no Paraíso.” A salvação tornou-se mais que uma promessa para o bom ladrão, tornou-se uma certeza, pois ele viu Jesus e o reconheceu como Salvador.

Nós temos que buscar, assim como o ladrão arrependido, reconhecer, mesmo que em meio a um grande sofrimento, que a nossa força está em Jesus e não em nós. Não devemos ser ingratos como o ladrão injusto que blasfema diante das adversidades. Não devemos ser incrédulos como o sacerdote, muito menos abandonar o amor maior de nossa vida que é Deus. Reconheçamos, assim como fez o pobre ladrão, a Cristo como nosso Rei e nosso Senhor para que tenhamos a certeza que estaremos com ele em seu Reino de amor. Jesus é o refúgio de todos os pecadores e o abrigo seguro que não os abandona nunca, principalmente nos piores momentos.

Oração

Rezar pela própria conversão e de todos os pecadores.

Pai-nosso; Ave-Maria; Glória ao Pai.

TERCEIRA PALAVRA

Mulher, eis aí o seu filho. Eis aí a sua mãe.

(João 19,26-27)

Esta palavra demonstra a preocupação do Senhor para com a sua santa mãe. Ele já não pode mais acompanhá-la, ele está mais perto da morte. Ao olhar para baixo, ele vê a sua mãe, próxima aos seus pés. Ela que cuidou dele desde a infância; ela que o viu quando deu o primeiro passo; ela que cuidou de sua saúde, quando ele se enfermou, ela que o amamentou; ela que o ninou. Agora ela se depara com o seu Filho torturado, desnudo, sem forças, agonizando; e tudo o que ela podia fazer era contemplar.

Jesus vê que aquela que mais o amou estava junto a ele, olhando o que a maldade do homem foi capaz de causar em seu corpo. Ela comungava de suas dores, ela sofria junto com ele.

Simeão disse a ela que Jesus seria a causa de queda e de elevação, que ele seria sinal de contradição (cf. Lc 2,34). No entanto, ela nunca imaginou que a última espada que transpassaria a sua alma, a tocaria de tal forma. A Virgem Maria já não tinha ao seu lado o amável José para fortalecê-la e apoiá-la. Desta vez estava o discípulo do seu Filho, o único que não se acovardou e que permaneceu junto ao

seu Mestre. Este discípulo é a representação de toda a Igreja, a representação de todos os fieis que peregrinam ainda na terra e que têm a coragem de dizer sim ao Cristo mesmo quando a situação é difícil.

A preocupação de Jesus em entregar a sua mãe ao seu discípulo é muito revelador e importante. É a prova de que a Virgem não tinha mais filhos, pois caso contrário Jesus não precisaria entregá-la a alguém alheio a sua família de carne. Ao estar sozinha também mostra que a sua viuvez já havia chegado, pois a mulher não poderia estar desamparada pelo seu esposo, principalmente neste momento.

Jesus percebe outra coisa, a Igreja precisa de uma mãe, e a sua santa mãe é ideal para tal encargo. Ele sabia que a Igreja precisava de um sinal materno, que acredita, que ensina e que acolhe Deus sem reserva no seu seio. Ao oferecer Maria como mãe da Igreja, Jesus visava a nossa salvação. Por isso que entrega ao discípulo amado, pois ele prefigura cada um de nós. A resposta do discípulo não foi em palavras, foi em um ato: “e dessa hora em diante, o discípulo a recebeu em sua casa.” (Jo 19,27).

Se a Virgem concebeu e deu à luz o seu Filho em meio a dor, agora recebe outro filho em meio a uma dor terrível, a dor da cruz. Quando dizem que a Virgem tem outros filhos, existe uma verdade nessa fala, pois nós somos filhos nascidos do seu coração. Quando Eva pecou, foi condenada a dar à luz com

a dor do parto, a dor do novo parto se dava em Maria que assumiu o papel da nova Eva. Pois quando Eva ofereceu a Adão o fruto, os dois pecaram pela soberba de querer ser como Deus, já em Maria, a sua entrega foi humilde e dada sem reservas, assim como a de Jesus que é o novo Adão, que com o seu sangue paga o duro peso do pecado e do afastamento do céu. Maria que foi a mãe do Salvador, agora assume a nossa guarda e se torna a nossa amada mãe. É difícil entender isso, mas Santa Teresinha do Menino Jesus já dizia: “O mundo busca Deus, mas não o encontra, porque ele se esconde dentro daquilo que não brilha”. Ou seja, nós nascemos de uma realidade que é incendiada pelo amor de Deus e não pela inteligência humana.

Oração

Rezar pela Igreja.

Pai-nosso; Ave-Maria; Glória ao Pai.

QUARTA PALAVRA

Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?

(Marcos 15,34)

Tendo rezado pelos inimigos, pelos pecadores e pelas pessoas que seguem os seus ensinamentos, agora Jesus reconhece a sua própria dor. A quarta e a quinta palavra apresentam a sensibilidade do Cristo, a sua condição humana. Nesta palavra vemos que estão simbolizados os sofrimentos dos que se sentem abandonados por Deus e na quinta é o sofrimento de Deus abandonado pelos homens.

“Meu Deus, por que me abandonaste?”, essa é a pergunta que Jesus faz ao Pai do alto da cruz e da escuridão da terra. A natureza comunga dos sentimentos do Cristo, a escuridão é um grito de dor da criação. O Cristo questiona duramente a Deus, para mostrar que o ser humano tende a se revoltar contra aquele que o criou. Os teólogos dizem que Jesus estava rezando o salmo 22(21). Este salmo é a angústia do justo que se sente perseguido e humilhado, mas que acredita que o Senhor ouve o seu grito e que no final de todas as perseguições, vencerá. Esta é a realidade de Jesus ao exclamar tão dura frase.

Mas se analisarmos bem o conteúdo desta palavra, é possível ver que as dúvidas que temos nos fazem questionar sobre a presença de Deus. As dúvidas que giram em torno da presença dele em nosso meio são frutos da nossa fé pequena. Os nossos medos nos afastam de Deus. As maldades nos fazem duvidar de sua existência. Quando a ciência humana não tem humildade, só nos aprisiona em suas dúvidas, sem trazer esperança. Mas é interessante ver que mesmo na maior dúvida, na maior incredulidade há esperança. Para o cristão, essa esperança tem que ser como a de Cristo, que mesmo se sentindo sozinho no momento da sua crucificação é capaz de recordar a melodia da confiança em Deus.

Reconhecer o Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, é uma necessidade, pois ele não se apegou a sua divindade para suportar as dores e sofrimentos da Paixão, mas pelo contrário, os suportou como um homem comum e sofreu na carne todas as insanidades dos homens, mesmo tendo um corpo santo. Esse foi o preço por se sujeitar a pagar pelos pecados de todos os homens. No entanto, mesmo com essa grande entrega, o sol se negou a brilhar diante sobre a crucificação. Se negou porque diante do crime da coroação de espinhos e o assassinato do Senhor a natureza protestou. Assim como o sol sumiu, da mesma maneira Deus desapareceu dos olhos de Jesus, neste momento em

que ele colocou o pecado do mundo nos ombros. Esse “abandono” revelou como é duro para uma alma viver sem a presença daquele que a fez. Este abandono sentido por Jesus revela ainda mais a sua necessidade de redimir aqueles que abandonam a Deus, que duvidam de sua presença e os que são indiferentes diante dele.

Muitos abandonam a Deus porque seguem as normas do mundo e não reconhecem sua origem em Deus. Preferem viver de acordo com os seus desejos desordenados e mal-intencionados. Rezemos pelos que duvidam da presença de Deus, porque buscam uma prova para que confirmem essa presença. Pelos que são indiferentes, pois não conseguem enxergar o amor de Jesus e a sua entrega por nós na cruz.

Oração

Rezar pelos que se sentem sozinhos e abandonados.

Pai-nosso; Ave-Maria; Glória ao Pai.

QUINTA PALAVRA

Tenho sede.

(João 19,28)

Jesus já estava muito fraco. De todas as palavras pronunciadas na cruz esta é a mais breve. A frase curta revela o seu cansaço. Mas mesmo assim, não deixa de revelar amor. Jesus não proferiu nenhuma injúria contra os seus carrascos, ou palavras de esperanças para a sua mãe. Esse clamor que sai da boca de Jesus brota do seu sagrado coração e da sua boca ressecada pela grande e tenebrosa jornada.

Uma música antiga diz o seguinte: “Bela vinha eu te plantara, tu plantaste a lança em mim. Águas doces eu te dava, foste amargo até o fim!”. Esta música é conhecida como o lamento do Senhor, música que expressa o abandono e a ingratidão do homem para com aquele que ofereceu tudo ao homem. A história da salvação tem em sua origem Abraão e seus descendentes, o cativeiro no Egito, a revolta do povo no deserto, onde Deus fez brotar da rocha uma água pura para que os seus filhos não morressem de sede. No entanto, quando o Filho de Deus está pendendo da cruz, sente sede e os homens não são capazes de tratá-lo com o mesmo carinho. Jesus, o Filho do criador de tudo, é esquecido pela